

## **“RODAS EM REDE” – O DIÁLOGO COMO ALTERNATIVA TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA CIDADÃ.**

*Elder dos Santos Azevedo<sup>1</sup>*

### **Introdução**

A escola pública como lócus de pesquisa se confirmou como espaço privilegiado para a Linha dos Estudos do cotidiano da Educação Popular, bem como os movimentos sociais e as questões que denotam da Modernidade/Colonialidade. Nesse sentido, esta linha de pesquisa se configura como espaço de resistência, criação e recriação da realidade social vivida por diversos “sujeitos praticantes” (CERTEAU, 2009).

Esses sujeitos inventivos e criativos, dotados de histórias de vidas distintas, se encontram no cotidiano da escola e vem se organizando numa relação dialógica e dialética para a construção de uma escola pública de qualidade e que seja capaz de formar para e na cidadania. Nesse sentido, observamos na prática a assunção de sujeitos que se importam com a escola e sua qualidade para além de uma perspectiva simplista e que ao discutir os atravessamentos da escola pública de hoje (currículo, organização político-pedagógica, problemas de infra-estrutura, destinação dos recursos recebidos) vem assumindo o diálogo e a escola em seu aspecto mais multifacetado, fazendo-se notar como “sujeito ordinário” (CERTEAU, 2009) que se coloca como principal beneficiário do trabalho realizado pela escola pública e que portanto, exige comprometimento e qualidade nos projetos e ações ali defendidos, definidos e implantados.

Nesse contexto, emerge o debate acerca da participação das famílias, da cidadania e conseqüentemente do fazer democrático desses grupos no cotidiano da escola. É sobre essa questão e seus desdobramentos que pretendo discutir um pouco nesse texto, que sucinta as questões que serão discutidas com maior profundidade na

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação/PPG-Educação UFF. Professor Substituto do CAp. João XXIII/UFJF. Professor I – Prefeitura Municipal de Paraíba do Sul/RJ. [eldersouza\\_rj@yahoo.com.br](mailto:eldersouza_rj@yahoo.com.br)

tese de doutoramento.

### **Democracia e escola pública: quais relações possíveis?**

Pensar o trabalho pedagógico numa escola pública do campo<sup>2</sup>, sem considerar a atuação das famílias no processo, bem como a função social da escola nessa localidade, torna-se cada vez mais difícil, uma vez que no meio social a demanda pela participação vem aumentando, o que podemos comprovar com as manifestações populares de julho de 2013, bem como pesquisas que elegem o cotidiano escolar como lócus privilegiado para sua interação e construção que vem nos mostrando como os “sujeitos praticantes” (CERTEAU, 2009) vêm se organizando via movimentos sociais, associações de moradores e famílias para terem suas vozes ouvidas e respeitadas.

Nessa escola pública municipal do campo, que desenvolvo a pesquisa de doutoramento, não tem sido diferente. Com o passar do tempo, já se vão mais de seis anos que partilho desse cotidiano, e quanto mais mergulhado nas redes e dobras do cotidiano tenho percebido a mudança das famílias com relação à participação mais ativa nos processos decisórios da escola, pois percebo que estas vêm compreendendo a escola como um bem social, público e coletivo, sendo a presença mais marcante do Estado brasileiro na comunidade.

Com relação às formas de participação, em minha pesquisa de Mestrado Acadêmico, pude comparar as possibilidades de participação das famílias na organização político-pedagógica de duas escolas públicas da mesma rede de ensino, porém uma situada no campo e outra na cidade. Nesse processo de pesquisar, foi descortinado para mim, como a atuação da gestão e das próprias famílias vão reorientando e ressignificando o que defendemos como gestão democrática da escola pública e ainda, como em muitos momentos a participação de diferentes sujeitos podem se cerceadas ou incentivadas.

Nessa altura, lembrar-me de Bastos (2005) foi imprescindível, pois defende uma

---

<sup>2</sup> As reflexões que seguem neste texto são partes da minha tese de Doutorado no PPG-Educação da UFF e que tem por objetivo compreender quais as concepções de qualidade das famílias e da comunidade de Vieira Cortês que abriga uma escola do campo – a Escola Municipal Prefeito Rocha Werneck. Na presente pesquisa pretendo problematizar a ideia de qualidade da/na educação e quais categorias e/ou pilares que as fundamentam. Para tal o diálogo com as famílias será o fio condutor do processo dialético de pesquisar e construir “conhecimento em redes” (Alves, 2001).

democratização radical da escola em suas práticas cotidianas. O referido autor nos ensina que não basta uma gestão que se pretende democrática, que se apresenta aberta a ouvir professores/as e as famílias, mas que incentive e radicalize o processo, democratizando com toda a comunidade todos os espaços e ações da escola.

O que compreendo das reflexões de Bastos, é que o exercício da cidadania na escola seja condição *sine qua non* para as discussões acerca da democracia e que ela possa entrar no cotidiano escolar em todos os espaços, nas salas de aula, na direção, no refeitório, no pátio, na cozinha. Ou seja, reconhecer a escola num organismo, um corpo vivo e que através do “diálogo” (FREIRE, 2005) pode romper com a monocultura do saber e com as epistemologias herdadas da Modernidade/Colonialidade que tem cerceado nos direitos de participação e de construções mais cidadãs e democráticas em nossas escolas e conseqüentemente na sociedade.

A Escola Municipal Prefeito Rocha Werneck vem se despontando como espaço de resistência e luta das famílias por uma educação pública, democrática e de qualidade. No bojo das discussões travadas nesses seis anos de “mergulho com todos os sentidos” (ALVES, 2001) no cotidiano dessa escola, pude compreender com as famílias e professoras, aquilo que Lima (2009) nos ensina sobre a escola pública que deve ser “pública quanto à destinação, comunitária e democrática quanto à gestão e estatal quanto ao financiamento”.

Essas demandas postas pelo autor, que tange a democratização da escola e que por isso se fundamentam nos princípios de uma “Escola Cidadã” estavam e ainda estão presentes no cotidiano da escola supracitada e nos últimos anos tem movido as decisões da comunidade escolar frente às tentativas de desmonte da educação e fechamento da unidade escolar pela gestão pública municipal de 2013-2016.

Contudo, o processo de gestão democrática da escola ainda está em construção (o que tem me feito pensar se esse processo pode um dia ser concluído, acabado, dado o “incabamento e inconclusão” (FREIRE, 2005) dos sujeitos que fazem a escola) e com isso não quero dizer que a gestão democrática será algo sempre aberto e inatingível, pelo contrário, acredito que a instituição do Conselho Escolar, que descentraliza as decisões e nos impele ao diálogo, e que a eleição para direção/gestão da escola com mandatos determinados nos ajuda a construir um processo de “governança

democrática” (LIMA, 2009) que não nos deixará perder de vista as reais necessidades da escola no que tange a organização político-pedagógica, do espaço físico, dos recursos materiais e pessoais e, sobretudo, da oferta de um ensino de qualidade a todas as crianças que ali estudam.

Para Lima (2009) a governação democrática requer participação de todos os membros da comunidade escolar nas decisões que dizem respeito à escola e, acima de tudo, que não dicotomize o trabalho escolar em pedagógico e administrativo. Eis aí o grande desafio da escola e sua gestão, ampliar e legitimar os espaços de participação das famílias, garantir condições mínimas de trabalho aos/as professores/as e demais funcionários e oferecer educação de qualidade para as crianças.

Nesse cenário é preciso retomar e aprofundar a discussão acerca da democracia. Pois precisamos refletir em que tipo de democracia vivemos? Se existe apenas um tipo de organização democrática possível? E ainda, como fazer da escola pública um espaço de atuação cidadã e democrática?

Para nos ajudar nesta reflexão chamo para o diálogo Claude Lefort (1991) que nos mostra sob uma determinada perspectiva como a democracia vivida hoje nada tem a ver com a democracia antiga, vislumbrada pelos gregos atenienses, mas é fruto da Modernidade Ocidental. Portanto, falamos de um moderno conceito de democracia que está atravessado pelos ideais iluministas e da Revolução Francesa e que buscam de certa forma em seu âmago: a liberdade e o individualismo. Esse processo histórico que também atravessa a sociedade brasileira por ser herdeira dos ideais iluministas difundidos pelo lado mais perverso do colonialismo tem propiciado o aprofundamento das desigualdades sociais e o refinamento do que dentro do modo de produção capitalista podemos chamar de homens/mulheres egoístas.

Porém, fica uma interrogação. Como fazer uma virada para sairmos de uma perspectiva egoísta e individualista, para pensarmos cidadania e democracia num viés coletivo e solidário? Acredito que Freire nos mostra um caminho possível que seria “aprender democracia pela prática da participação” (FREIRE, 1994, p.117).

Essa prática de participação necessita pautar-se no enfrentamento do que Quijano (2002, 2005, 2010) denomina “colonialidade do poder”, que consiste na criação por parte dos conquistadores europeus (inicialmente espanhóis e portugueses)

de um padrão de poder mundial a partir da fundação geocultural da América e da classificação de todos os seres da espécie humana através da categoria *raça*. Nos séculos XV e XVI com a colonização do que hoje denominamos América Latina, as potências ibéricas contribuíram significativamente para a Modernidade/Colonialidade Ocidental.

O par modernidade/colonialidade presente na escritura destes autores<sup>3</sup>, deve-se à ênfase que querem dar à ideia de que a colonialidade é constitutiva e não derivativa da modernidade, que a colonialidade é “o lado obscuro” da modernidade, como gostam de afirmar, que o conceito emancipador hegemonicamente contido na ideia de modernidade é um mito porque não revela que ela só foi possível graças à opressão colonial que impôs aos povos conquistados da América Latina e de outros continentes. Daí que as instituições e os processos sociais atrelados ao fenômeno histórico da modernidade passam a ser questionados por estes autores por suas inter-relações (diretas ou indiretas, manifestadas ou ocultadas) na constituição da exclusão social, do racismo, da negação de direitos e de modos de ser. (MOTA NETO, 2016, p.18)

Diante do exposto é preciso pensar que as ideias de cidadania, participação e a própria democracia, tais como vemos hoje, são frutos da Modernidade/Colonialidade, o que pode impossibilitar em muitos aspectos a efetiva participação dos sujeitos tanto nas escolas como na própria sociedade.

Ao tomarmos consciência dos processos históricos que nos constituíram e dos mais de quinhentos anos de pilhagem, seja pelo colonialismo no passado e da colonialidade do poder até os dias de hoje, é que nos encontramos com Freire e a necessidade que a educação seja realmente libertadora para a assunção de sujeitos outros, “sujeitos políticos coletivos” eu diria para tomar emprestado um termo de Carlos Nelson Coutinho (1979).

“A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que

---

<sup>3</sup> De acordo com Mota Neto (2016) o *pensamento/giro/inflexão decolonial* é um programa de investigação da modernidade/colonialidade latino-americano cujos teóricos e expoentes mais relevantes são: Aníbal Quijano e sua crítica à *colonialidade do poder*; Enrique Dussel e suas propostas em torno de uma *filosofia da libertação* e de um *pensamento transmoderno*; Walter D Mignolo e o pensamento decolonial como *paradigma outro*; Edgar Lander e a superação da *colonialidade do saber* pelo pensamento crítico latino-americano; e a construção do conceito de *colonialidade do ser* por Nelson Maldonado-Torres. (p.58-59 grifos do autor).

se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p.77).

É com Freire que pensamos a cidadania, participação e democracia dentro de uma ação humanizadora e libertadora, posto que os sujeitos da escola e da sociedade precisam de instrumentos para o enfrentamento da colonialidade do poder que historicamente tem determinado “lugares sociais” pautados na raça e na desqualificação dos saberes de matrizes não eurocêntricas.

A assunção do fazer democrático na escola, a meu ver passa igualmente por uma educação que se pretende popular e dialógica, pois “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (FREIRE, 2005, p.63).

A participação das famílias na escola e a própria democracia serão ressignificados, refundados indo além da ideia de democracia participativa que temos hoje, onde a maioria absoluta da população fica limitada a votar em políticos escolhidos pelas classes dominantes, para representar os mais variados segmentos sociais de uma nação. Penso que a participação dos diferentes sujeitos no cotidiano da escola é fundamental para a virada político-epistemológica que precisamos.

## **Os sujeitos políticos coletivos da Escola Rocha Werneck e suas (atu)ações no cotidiano escolar.**

Em 2012, quando cheguei à Escola Prefeito Rocha Werneck, para trabalhar com uma classe multisseriada<sup>4</sup> de quarto e quinto anos, estava animado, pois seria a primeira vez que trabalharia oficialmente na rede pública de ensino que estudei, da antiga Classe de Alfabetização (C.A.) a antiga oitava série. Nesse momento, já estava no segundo ano do Mestrado Acadêmico e o meu desejo de contribuir para a educação pública da cidade do meu coração me impulsionava a cada dia melhor compreender

---

<sup>4</sup> Caracterizam um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nestas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um mesmo professor/a. Na escola em questão geralmente são agrupados dos anos de escolaridade próximos, exemplo: o segundo com o terceiro ano, o quarto com o quinto ano.

aquele cotidiano e construir uma prática pedagógica que fosse acima de tudo libertadora, sem perder as dimensões políticas e amorosas que Freire tanto nos fala.

Rapidamente vou percebendo as lógicas internas da escola e como a gestora Ana Paula e as famílias iam tentando construir uma relação cada vez mais pautada no “diálogo” e na “esperança” (FREIRE, 2005) para a assunção de uma educação do campo verdadeiramente de qualidade. Qual não foi a minha surpresa quando a gestora me chamou para falar sobre a reunião com as famílias.

*Professor Elder, em nossa escola, a dinâmica das reuniões é diferente das demais. Como os pais e mães dos alunos trabalham nas fazendas de gado leiteira da região e outros na Cerâmica<sup>5</sup> que fica aqui em frente, nós geralmente nos reunimos às 13h, para que durante o horário de almoço deles, ou no período que estão aguardando para voltar a retirar o leite das vacas possam vir à escola e conversar conosco. Então todas as reuniões com os pais acontecerão nesse horário, sendo marcada com no mínimo uma semana de antecedência, mas sempre que possível com mais tempo. (FALA DA GESTORA ANA PAULA NO ANO DE 2012.)*

Essa fala e as demais posturas da gestora Ana Paula que sempre valorizou a participação e presença das famílias na escola, me fizeram compreender como sua prática de gestão não buscava excluir o administrativo e o pedagógico. Nas reuniões estava sempre com uma pauta a ser discutida com as famílias, mas com uma “escuta sensível” (BARBIER, 1999) para as demandas, anseios e questões que as famílias traziam.

Nesse contexto, percebi uma mudança que vem fazendo uma grande diferença no cotidiano desta escola e que tem permitido à assunção de “sujeitos políticos coletivos” (COUTINHO, 1979).

Para Coutinho esses sujeitos emergiriam na representação direta das massas populares através de partidos, sindicatos, associações (profissionais, de bairro, de famílias) e trabalhariam articulados para a reorganização das relações da sociedade, agora construídos de baixo para cima, ou seja, do cotidiano vivido e praticado para as

---

<sup>5</sup> Cerâmica ou olaria, é um tipo de empresa onde se trabalha na confecção de tijolos, telhas e outros produtos derivados do barro. Requer trabalho braçal e sem exigências de níveis elevados de escolarização.

camadas mais elevadas da sociedade.

Acredito que os oprimidos de quem tanto nos fala Freire, em comunhão numa perspectiva humanizadora de educação podem vir a se tornarem sujeitos políticos coletivos que juntos resistem, insistem, recriam e até mesmo derrubem, modifiquem lógicas de dominação postas pela Colonialidade do poder que na atualidade vem beneficiado as elites dominantes e seus representantes que em certos casos se utilizam de mandatos políticos para representar os interesses de tal classe.

Na Escola Rocha Werneck, as famílias se tornaram protagonistas e aprenderam que sua atuação deve e pode ir além da escuta passiva nas reuniões e já compreenderam que a escola é um bem público e coletivo e que, portanto, suas marcas precisam estar presentes na sua construção cotidiana.

Ao ir sendo feito “professorpesquisador” (ALVES & GARCIA, 2002), pois esse é um processo que se dá através da práxis, pude somar minhas experiências de diversas andanças por outras redes públicas de ensino, ao que emergia com tanto potencialidade no cotidiano da escola Rocha Werneck e assim, poder dialogar com essas famílias o que elas esperam da escola pública e quais suas concepções de qualidade da/na educação.

## **O momento atual: a construção da ideia ou ideias de qualidade da/na educação de uma escola do campo.**

Assumo meu lugar *políticoéticoepistemológico* de *professorpesquisador* e permaneço mergulhado na Escola Rocha Werneck. Minhas inquietações agora derivam das ideias e concepções que as famílias dos nossos alunos e alunas, bem como alguns membros da comunidade local têm acerca da qualidade da/na educação e quais possíveis atravessamentos para a construção dessas ideias.

Várias conversas me fizeram indagar se os exames externos podem ter alguma coisa a ver com a ideia de qualidade e também, compreender qual ou quais seriam essas ideias, posto que recebemos da Secretaria de Educação e portanto, do alto, uma série de diretrizes e normas que devemos seguir e cumprir na escola e em se tratando de escola pública e sobretudo, do campo, os sujeitos que a compõem via de regra não são ouvidos acerca dos seus anseios e expectativas quanto a essa educação.



Assim, atravessado pelas leituras acerca da colonialidade do poder e da necessidade do seu enfrentamento, propus um projeto de tese insurgente e marginal que só poderia ser abarcado pela Linha dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular da UFF, por seu caráter político-epistemológico que percebe a escola e seus sujeitos como seres potentes e (re)criadores das tão duras imposições que recebem dos seus mantenedores (o poder político personificado nos técnicos da Secretaria de Educação Municipal e o próprio Ministério da Educação).

A escuta sensível e o diálogo são os principais instrumentos para discussão da pesquisa que se constitui em rodas – rodas em rede (WARSCHAUER, 2001) que nos permite dialogar com os sujeitos participantes sobre as mais diversas inquietações das famílias e da escola acerca da organização escolar e das ideias de qualidade da/na educação.

Até o momento, uma das rodas realizada com duas representantes das famílias, duas mães de alunos que estão no terceiro ano de escolaridade e que vêm contribuindo para o debate proposto e nos mostrando como os sujeitos das camadas populares, ao se organizarem, assumem o lugar de sujeitos políticos coletivos e saem em defesa da escola pública e de qualidade.

*Essa escola [Escola Prefeito Rocha Werneck] é diferente das muitas que a gente passou. Eu mudei muito quando eles [o filho e a filha] eram pequenos. Aqui existe uma preocupação com as crianças. Por ser pequena [a escola] acho que os professores conseguem dar atenção maior as crianças. Vejo as dificuldades do meu filho e como o professor e a diretora sabe exatamente o que acontece com ele. Eu também acho que o fato de ter mudado muito atrasou ele. Ele não gostava das escolas. No início não gostava daqui. Agora vem [Risos] Você brigava comigo e dizia que eu precisava deixar ele crescer. Tô deixando! E to vendo que vale a pena, porque sempre que venho aqui e falo sua ouvida. Posso participar e falar o que penso que sei que serei ouvida, menos tendo estudado tão pouco. (FALA DE UMA PARTICIPANTE DA PESQUISA – MÃE DE UM ALUNO DO 3º ANO DE ESCOLARIDADE E TRANSCRITA CONFORME FOI DITO NUMA DAS CONVERSAS INICIAIS DA PESQUISA – 22/02/2017 – grifos meus)*

Diante do explicitado pela mãe do aluno, pude compreender como as famílias

organizam o pensamento sobre diversas questões de caráter pedagógico e apresenta uma perspectiva de co-responsabilização com a escola pela vida escolar da criança. Essa fala/depoimento coloca em xeque uma série de discussões e apontamentos na literatura que se refere à participação das famílias na escola e que constroem as famílias como aqueles que não se interessam pelas crianças e sua vida escolar.

Apesar de haver poucas pesquisas no campo da educação, sobretudo da Sociologia da Educação acerca da participação das famílias na vida escolar de suas crianças, vários autores como Romanelli, Nogueira, Zago (2011) apontam diversas estratégias das famílias pela ampliação da escolarização de seus/suas filhos e filhas e as necessidades que essa educação seja de qualidade, para que para além da mudança material da vida concreta desses sujeitos, seus filhos e filhas possam gozar de melhores condições de participação na vida cidadã e social.

Como se observa na fala da mãe, a qualidade é um dado complexo, pois requer que se pense nas muitas variáveis que interferem no processo de aprendizagem das crianças, na organização da escola e nas possibilidades de participação político-pedagógica das famílias no cotidiano escolar. Assim, ela aponta que o fato de a escola ser pequena e atender de modos diferentes cada criança de acordo com suas singularidades, já é um dos fatores que a faz pensar sobre a educação, o processo de *aprendizagem* *sino* (OLIVEIRA, 2013) vivido por seu filho, bem como a própria ideia de qualidade da/na educação.

É nas rodas em rede, através do diálogo que as múltiplas ideias de qualidade da/na educação, responsabilização, cidadania e democracia vão aparecendo e sendo discutido pelo grupo como possibilidade concreta de mudar a escola e a educação daquela comunidade. Nesse sentido, vamos caminhando para a construção de uma escola pautada nos princípios da escola cidadã como possibilidade político-epistemológica da assunção de políticas de enfrentamentos à Colonialidade que resultarão na “des/colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005).

De acordo com Quijano (2005) a des/colonialidade do poder é um caminho necessário para a efetiva mudança nas sociedades que viveram profundamente a ampliação das desigualdades em função do colonialismo e da colonialidade. Des/colonialidade do poder passa por inúmeras ações cotidianas de resistência e de

tentativa de assunção de lógicas diferentes das inauguradas pela Modernidade/Colonialidade. Na escola pública do campo, passa pela escuta sensível das vozes das famílias e de sua participação na construção de uma escola que se pretende democrática e cidadã.

Contudo, compreendo que esse processo é lento, estando repleto de avanços e retrocessos, pois, só em “comunhão” (FREIRE, 2005) poderemos superar a hierarquização dos indivíduos através da ideia de raça e das instituições sobre os indivíduos. Nesse sentido, torna-se imprescindível descolonizar o pensamento, as ações e, sobretudo, as práticas cotidianas da escola através do exercício da cidadania e do diálogo onde todos e cada um possam assumir seu lugar de cidadão e intelectual da escola, da comunidade, e do mundo.

## **Conclusão:**

Pensar/praticar/viver/sentir o cotidiano da Escola Rocha Werneck tem sido fundamental para o meu processo de constante (trans)formação, a qual aprendi a denominar com Alves e Garcia (2002) de *professorpesquisador*. Trazer essa escola pública do campo como lócus da pesquisa de doutoramento busca privilegiar o encontro dos diversos fios que compõem as muitas tramas de vidas de diferentes sujeitos – famílias (pais, mães, avós, tias, tios, primos, irmãos), funcionários (professores, merendeira, servente, orientadora pedagógica, diretora e cuidadora) e as crianças.

Com a orientação epistemológica dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular, o uso da roda em rede (WARSCHAUER, 2001), é recuperado no sentido que Alves (2001) pensa a formação em redes de conhecimentos, posto que somos sujeitos que aprendem em comunhão, com e no diálogo e ao aprender vamos modificando nossas vidas e (res)significando as múltiplas redes das quais fazemos parte.

Acolher as vozes das famílias em sua dimensão político-pedagógica para que juntos possamos entender suas ideias sobre qualidade da/na educação e num processo dialógico e dialético irmos construindo a escola que sonhamos, tendo clareza que somos os agentes que através da reflexão e das ações transformamos nossa realidade.

As famílias da Escola Rocha Werneck, já conseguiram “abrir caminhos” para o

diálogo e participação na escola, agora vamos juntos compreender com que escola sonha essas famílias, e como é possível em comunhão atingirmos a des/colonialidade do poder em nosso cotidiano e aos poucos a cada dia ir ampliando para todas as nossas participações sociais.

## Referências:

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-38.

\_\_\_\_\_; GARCIA, Regina Leite. A. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 97-117.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 168-199.

BASTOS, João Baptista. Gestão democrática da educação e da escola pública em práticas quotidianas: questões teóricas e metodológicas da pesquisa. In: GARCIA, R. L.; SERRALHEIRO, J. P. (Orgs.). **Afinal onde está a escola?** Porto: Profedições, 2005, p.29-50.

COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 9, p. 33-47, 1979. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/49636615/A-Democracia-como-Valor-Universal> ou <https://www.marxists.org/portugues/coutinho/1979/mes/democracia.htm>

COUTINHO, Carlos Nelson. O Estado Brasileiro: gênese, crise, alternativas. In: LIMA, J. C. F. e NEVES, L. M. W. (Orgs.) **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, p.173-200.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEFORT, Claude. A questão da democracia. In: **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 23-36.

LIMA, Licínio C. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública**. 4 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículo e processo de aprendizagem ensino: Políticas práticas educacionais cotidianas. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. In: **Novos Rumos**. Ano 17, nº 37, 2002. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos\\_de\\_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237\\_02.PDF](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF). Acessado em março de 2011.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005, p. 227-278.

\_\_\_\_\_. Dom Quixote e os moinhos de ventos na América Latina. In: Dossiê América Latina. **Estudos Avançados**19(55), 2005.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M.P. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

#### **“RODAS EM REDE” – O DIÁLOGO COMO ALTERNATIVA TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA CIDADÃ.**

**RESUMO:** O presente artigo é um excerto da tese de doutorando que está em curso e por isso, apresenta uma discussão inicial acerca da assunção de sujeitos políticos coletivos (COUTINHO, 1979) numa escola pública do campo para construção através do diálogo (FREIRE, 2005) de uma escola como bem social público, com organização democrática e com plena participação das famílias. Para tal, procuro compreender o contexto sócio-histórico da tentativa de construção dessa Escola Cidadã, pois nossa herança colonial materializada nas implicações da Colonialidade do poder (QUIJANO, 2002, 2005, 2010) vem muitas vezes tem impedido a articulação de diferentes sujeitos da escola para a construção e vivência das ideias de democracia, cidadania e qualidade fora do padrão moderno/colonial de poder. Por isso é imprescindível o diálogo com as famílias dos meios populares que encontraram diversos caminhos para estar presentes no cotidiano escolar tendo sua voz, angústias e anseios ouvidos, e sendo ouvidos passam para o próximo passo que é dialético e que requer discussões e negociações com a gestão escolar, que nesse contexto, acaba por ocupar um duplo papel, o de conduzir a escola e ser representação da Secretaria Municipal de Educação naquela comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia; Qualidade da/na educação; Participação das famílias; Educação do campo.

#### **“WHEELS IN NETWORK” - THE DIALOGUE AS A THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL ALTERNATIVE FOR THE CONSTRUCTION OF A CITIZEN SCHOOL.**

**Abstract:** This article is an excerpt from the doctoral thesis that is under way and therefore

presents an initial discussion about the assumption of collective political subjects (COUTINHO, 1979) in a public school of the field for construction through dialogue (FREIRE, 2005 ) Of a school as a social public good, with democratic organization and with the full participation of families. To that end, I try to understand the socio-historical context of the attempt to construct this Citizen School, since our colonial heritage materialized in the implications of the Coloniality of power (QUIJANO, 2002, 2005, 2010) has often prevented the articulation of different subjects of the school For the construction and living of ideas of democracy, citizenship and quality outside the modern / colonial pattern of power. That is why it is essential to dialogue with the families of the popular media who have found different ways to be present in the daily life of the school, having their voices, anxieties and longings heard, and being listened to, move to the next step that is dialectical and requires discussions and negotiations with School management, which in this context ends up playing a dual role, that of leading the school and being a representation of the Municipal Education Department in that community.

**Key words:** Democracy; Quality of education; Family participation; Education of the field.

### **"RUEDAS EN RED" - EL DIÁLOGO COMO ALTERNATIVA TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA PARA LA CONSTRUCCIÓN DE UNA ESCUELA CIUDADANA.**

**Resumen:** El presente artículo es un extracto de la tesis de doctorando que está en curso y por ello, presenta una discusión inicial acerca de la asunción de sujetos políticos colectivos (COUTINHO, 1979) en una escuela pública del campo para la construcción a través del diálogo (FREIRE, 2005 De una escuela como bien social público, con organización democrática y con plena participación de las familias. Para ello, procuro comprender el contexto socio-histórico del intento de construcción de esa Escuela Ciudadana, pues nuestra herencia colonial materializada en las implicaciones de la Colonialidad del poder (QUIJANO, 2002, 2005, 2010) viene muchas veces ha impedido la articulación de diferentes sujetos de la escuela Para la construcción y vivencia de las ideas de democracia, ciudadanía y calidad fuera del patrón moderno / colonial de poder. Por eso es imprescindible el diálogo con las familias de los medios populares que han encontrado diversos caminos para estar presentes en el cotidiano escolar teniendo su voz, angustias y anhelos oídos, y siendo oídos pasan al siguiente paso que es dialéctico y que requiere discusiones y negociaciones con la sociedad Que en ese contexto, acaba por ocupar un doble papel, el de conducir la escuela y ser representación de la Secretaría Municipal de Educación en aquella comunidad.

**Palabras clave:** Democracia; Calidad de la educación; Participación de las familias; Educación del campo.

---

**Submetido em Março de 2017**  
**Aprovado em Junho de 2017**